

Almerinda Pinheiro Cardoso M. Teixeira *

A Senhora do Castelo — génese de uma festa na serra de Montemuro

Com a presente comunicação pretendo fazer apenas o registo do processo genético de um fenómeno religioso, hoje já uma festa, porque atingiu aspectos organizativos particulares — a Senhora do Castelo. Por isso, embora importante, não faço de momento o enquadramento teórico que tal processo implica.

1. O SÍTIO

O Castelo é uma proeminência rochosa, que atinge 1021 metros de altitude, situada a meio caminho entre Ervilhais e Cristelo, no interior de um «triângulo» cujos vértices são Castelo de Paiva, Arouca e Cinfães, ficando, no entanto, bastante mais próximo da última localidade do que das primeiras¹. Do ponto de vista morfológico corresponde a um *tor*², de granitos tardi-hercínicos, que domina uma escarpa de falha de direcção NE-SW.

A forma alcandorada e imponente terá levado as gentes da serra a «baptizar» tal local de Castelo. Este fenómeno é, aliás, extremamente frequente, como o revelam os estudos toponímicos, e apontando para antigas civilizações castrejas. Sítio que a natureza privilegiou também pela panorâmica que dele se avista, em especial para sul, até à serra da Estrela, que de lá se vê em nítido perfil trapezoidal, é centro de um processo que em torno de si se gerou especialmente a partir de 1973.

2. FONTES

As fontes utilizadas são de vários tipos³. Se algumas não levantaram quaisquer problemas na sua análise, outras, pelo contrário, puseram problemas de vária ordem, o que me obrigou a uma reflexão sobre elas em conjunto e a um trabalho intenso de comparação para apuramento da verdade.

O segundo aspecto pôs-se-me particularmente quanto ao manuscrito *Acta da: Nossa Senhora do Castelo*, escrito por Agostinho Teixeira, e às entrevistas. Ele só abriu o «livro» em 7 de Agosto de 1977 e a informação que

* Universidade Nova de Lisboa.

¹ Cf. anexo 1: carta de Portugal, Instituto Geográfico e Cadastral, escala de 1/100 000, fls. 13 e 14.

² Acumulação de bolas graníticas que se encontram *in situ*. Neste caso, o granito é calcalalino e algumas das bolas revelam ajustamentos de gravidade na sequência da erosão a que foram sujeitas. Cf. fot. 1.

³ Cf. anexo 3.

tenta reconstituir até essa data é assente na memória, por isso nem sempre fiel e completa, facto que veio a reconhecer ao longo das várias entrevistas durante o Verão de 1981. Por outro lado, revela um facto curioso, para além do registo dos principais marcos já a partir de 1971, e que consiste no registo de pessoas⁴ que, de um modo ou de outro, vêm estando ligadas à Senhora do Castelo: para além dos «fundadores»⁵, há o primeiro pároco que celebrou missa campal, bem como o primeiro sacristão, o primeiro grupo coral⁶, a primeira mordomia⁷, o motorista da primeira excursão de Ermesinde ao Castelo, as primeiras zeladoras⁸, o primeiro fogueteiro, o primeiro orador (leigo), o proprietário do terreno, o primeiro tractorista que subiu ao Castelo a levar material para as obras da gruta, as pessoas que nelas trabalharam⁹, ranchos e conjuntos que participaram em dias festivos, banda da música de Nespereira em 1979, etc. E não possui ainda quaisquer elementos relativos a 1980 e 1981¹⁰. Esse «livro» é, portanto, um registo impreciso e incompleto, muito subjectivo; denota uma preocupação onomástica que terá certamente explicação no desejo de fazer desenvolver e perdurar a dimensão colectiva que a Senhora do Castelo passou a ter a partir de certa altura.

Tanto quanto pude apurar, os ecos na imprensa começaram em 1976, sobretudo no *Miradouro* de 17 de Setembro.

O *Século* de 28 de Junho desse ano noticiava a substituição de uma imagem de Nossa Senhora do Castelo colocada no sítio do mesmo nome¹¹, cerca de dois anos antes, por outra de maiores dimensões. Na verdade, a primeira tinha sido posta três anos antes, não «num nicho aberto no penedo», mas cimentada numa das bolas graníticas relativamente abrigada, e era uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, tal como a sua substituta, que ainda lá continua¹².

No *Miradouro* de 24 de Setembro de 1976 há uma crónica que descreve o que vem acontecendo pelo Castelo e que faz também a descrição do local. Em 17 de Dezembro, outro cronista, «escondendo-se» no anonimato¹³, rectifica a localização, entre considerações de vária ordem. Para além da ausência de rigor relativa à localização na notícia de 24 de Setembro e da correcção feita na de 17 de Dezembro, o que me parece importante é o tom irónico-agressivo que enforma a última, havendo latente toda uma problemática de *apropriação simbólica* dum *espaço* que começava a ser *sagrado* e, por isso, disputado.

Na realidade, o Castelo vinha-se tornando «importante».

⁴ Registo pela própria assinatura, o que me parece significar o reforço de um vínculo que se pretende duradouro.

⁵ Cf. anexo 2. Cinco irmãos e um primo, José Vieira. O terceiro irmão mais velho dos seis ainda vivos, José Teixeira, não está ligado ao processo devido ao afastamento dos restantes desde os primeiros passos migratórios. Hoje residente em Albergaria-a-Velha, quiseram, no entanto, os cinco irmãos vinculá-lo de algum modo, pelo que assinou também a *Acta* conjuntamente com os reais fundadores. Cf. fots. 2 e 3.

⁶ Três homens e três mulheres.

⁷ Oito homens.

⁸ Duas mulheres.

⁹ Dezanove homens. Garantem que trabalharam também várias mulheres.

¹⁰ Por um lado, denota o habitual atraso no registo; por outro, estou na posse do «livro» desde Agosto de 1981, o que, só por si, foi factor impeditivo do registo.

¹¹ Para além de um erro toponímico — Santiago de Gíães em vez de Santiago de Piães —, o conteúdo é também muito falseado.

¹² Cf. fot. 4.

¹³ Assinando apenas «C».

3. GÊNESE E DESENVOLVIMENTO DA FESTA

Como já referi, foram cinco dos irmãos de uma numerosa família de Sanfins, cujos pais já faleceram¹⁴, conhecida pelos «Estrigas» (alcunha que já vem, pelo menos, de três gerações), juntamente com um primo, José Vieira, quem se encontra na génese do fenómeno.

Recordam os cinco irmãos a infância de miséria e toda a espécie de contratempos que, especialmente durante a segunda guerra mundial, pela serra passaram, para onde muitas vezes foram atirados como mendigos. Relatam histórias veiculadas pela mãe, que insistentemente lhes pedia que nunca viessem a ser fumadores nem ladrões. Não fumadores, afastando-se da conduta do pai, que frequentemente ia buscar à capoeira, às escondidas, alguns ovos e vendê-los a fim de poder comprar os cigarritos... Não ladrões, não seguindo os passos do menino que, degraui a degraui, chegou a assassino e cuja história contam com grande emoção. Certo dia, um menino roubara uma agulha, que levou à mãe, que a aceitou. De seguida fora um novelo. E por fim uma tesoura. Assim se ia forjando um ladrão que chegara a assassinar o dono de uma casa para, seguidamente, a saltar. Levado a tribunal e condenado à morte, veio a pedir licença ao juiz para beijar a mãe, antes de ser enforcado, o que lhe veio a ser concedido. Beijar que se traduziu em dar-lhe uma «ferradela» no nariz e culpá-la de, ao ter roubado a primeira vez, ela não o haver logo castigado. «A culpa foi da mãe.»

Consideram que podiam ter ódio à sua terra, que fora «mãe-madrasta», o que realmente não acontece. Apesar de nada possuírem em Sanfins, têm consciência de que o vínculo afectivo à sua terra, à serra e agora também à Senhora do Castelo é algo que aí os faz perpetuar. Subentendido um duplo vector de pertença e posse, afirmam: «A única propriedade que aí temos é a Senhora do Castelo e muitos amigos.»

O primo José Vieira saíra de Sanfins, para onde nunca voltou, tenra idade ainda, acompanhando a mãe, que fora para o Porto trabalhar como empregada doméstica. De seguida vinham duas irmãs Teixeira. Em 1945 vinha o Agostinho, em 1946 o António, em 1947 o pai, todos trabalhar como empregados agrícolas nos arredores do Porto. Um a um, foram os restantes membros da família saindo de Sanfins, incluindo a mãe. O irmão José foi o único que não migrara para essas paragens.

Os cinco irmãos Teixeira e o referido primo, com quem sempre tiveram uma ligação afectiva forte, subiram a serra, em passeio, de Sanfins ao Castelo, pela primeira vez em 29 de Maio de 1971, repetindo-o em 18 de Junho de 1972. Aliás, o Castelo sempre foi local de convívio de vários grupos circunvizinhos que aí vão, no Verão, comer o merendeiro, refrescar mais ainda os pulmões e apreciar as largas vistas que dele se alcança.

Após o segundo passeio decidiram colocar uma imagem de Nossa Senhora no Castelo. Assim, a 16 de Junho do ano seguinte vêm a colocar uma pequena imagem de Nossa Senhora de Fátima, fixando-a num rochedo abrigado por um mais alto e maior, virado a norte, ou seja, numa espécie de nicho natural.

Aí pernoitaram, conjecturando sobre o futuro da Senhora. Seriam só eles a adorá-la? Outros a estimariam, como era seu desejo? Iria ser destruída?

¹⁴ João Teixeira (9 de Julho de 1898/6 de Agosto de 1980) e Maria da Conceição Teixeira (25 de Agosto de 1899/5 de Setembro de 1978). Tiveram doze filhos — oito rapazes e quatro raparigas —, dos quais nove são ainda vivos. Os restantes — dois rapazes e uma rapariga — foram ceifados pela mortalidade infantil.

Na verdade, a imagem, certamente descoberta por pastores ou caçadores que por lá passam, veio a ser não só defendida com uma pequena cerca de pedrinhas, como também ornada de flores, de vez em quando. «A Senhora começava a ser de muita gente.»

Este facto alegrava-os bastante e, por isso, resolveram comprar uma imagem de Nossa Senhora de Fátima maior, que, depois de benzida na Igreja de Santa Rita, em Ermesinde, vieram a colocar, em 12 de Maio de 1976, num nicho¹⁵ construído para o efeito e, agora, virado a sul. Ao mesmo tempo, substituíram a primeira imagem por outra¹⁶ de características semelhantes, porque, apesar da estima que lhe era devida, os rigores do tempo eram implacáveis na sua deterioração.

A colocação da segunda imagem (e substituição da primeira) revestiu-se já de um carácter festivo: o fenómeno extrapolava já os «fundadores» e pelas aldeias circunvizinhas se vinha falando da «Senhora do Castelo». Delas afluíram nesse dia numerosas pessoas, perante as quais Jerónimo Pereira de Sousa proferiu uma alocução¹⁷ enaltecendo a Virgem e de todos os seus devotos. Deste encontro já saía a primeira mordomia, para 1977.

O processo era irreversível. Sentiam cada vez mais que já não se tratava de problema seu. Era preciso continuar o reforço do sagrado e dar-lhe dimensão condigna. Nesse sentido vêm a contactar o pároco da freguesia de Nespereira, a que pertence administrativamente o Castelo, a fim de aí se vir a celebrar missa. O pároco acede e cumpre as formalidades necessárias.

Ainda nesse ano, a 18 de Julho, vêm a colocar uma cruz¹⁸ no topo do Castelo, cruz que trazem de Ermesinde.

Os anos de 1977 e 1978 são já de maior dinamismo organizativo.

Em 8 de Março de 1977 construiu-se a mesa do altar¹⁹, a 26 de Junho, os irmãos Teixeira visitaram o Castelo e a 7 de Agosto realizou-se a festa²⁰. Não houve ainda procissão porque a Senhora estava cravada no cimento, mas houve missa e sermão. A dimensão lúdica traduziu-se em jogos de competição (da corrida do saco e do quebrar da bilha), atribuição de dois prémios (um para o mais novo, outro para o mais idoso), como estímulos para a dura caminhada do subir a serra, e participação de dois conjuntos da região. Naturalmente instalaram-se também as barracas de «comes e bebes» e os foguetes não faltavam. É de referir, no entanto, que essas barracas são mais de apoio na bebida, porque o levar o farnel, por vezes até à cabeça, é bastante comum. A boa qualidade da comida e a abundância são propícias ao desenrolar do convívio, quer para quem as leva, quer para os amigos que, à última hora até, se possam convidar.

Desde então, as características lúdicas têm continuado as mesmas, os conjuntos extrapolaram a origem regional, tendo já participado um de Ermesinde em 1979 e 1981. Em 1979 actuava já também a música de Nespereira.

¹⁵ Cf. fot. 5.

¹⁶ Cf. nota 12.

¹⁷ Datada de 22 de Junho, erradamente, no registo de som.

¹⁸ Cf. fot. 6.

¹⁹ Cf. fot. 7.

²⁰ Fora escolhido o primeiro domingo de Agosto em virtude do calendário festivo da região. Esse domingo é o que fica livre e a data da festa só é alterada quando a feira franca de Nespereira (6 de Agosto) coincide. Passa então para o último domingo de Agosto, o que já aconteceu em 1978.

Nos primeiros meses de 1978, os irmãos Teixeira fazem em Ermesinde o portão para a gruta²¹, que terminam em 1 de Maio, vindo a colocá-lo em 11 de Junho.

Entretanto vinham também procurando saber se existiria uma imagem característica de Nossa Senhora do Castelo. Localizam-na em Mangualde²² e compram uma semelhante no Porto, que vêm a colocar na gruta, dentro de um nicho já maior, porque maior também a imagem²³. A 27 de Agosto, agora no último domingo do mês e pelos motivos já referidos, realiza-se a festa. Sai então pela primeira vez procissão com a nova imagem²⁴, seguindo um percurso para leste de cerca de 200 metros, contornando o marco geodésico da Gia (1025 metros). Este, desde então, está sempre enfeitado com vários estandartes no dia da festa, assim como, no topo do Castelo, são postas a bandeira portuguesa e brasileira. Junto ao marco foi feita a bênção da imagem. E assim ficava, desde então, feita também a apropriação do espaço da procissão.

Em 1979 há uma oferta de uma nova imagem de Nossa Senhora de Fátima²⁵ feita por uma mulher²⁶ oriunda de Ervilhais e que habita em Leça da Palmeira, imagem essa que logo nesse ano também saiu na procissão, num segundo andar²⁷, embora contra a vontade do pároco. Fora colocada no mesmo nicho onde se encontrava a Senhora do Castelo.

Desde 1979 têm permanecido, portanto, três imagens no interior da gruta, até que este ano, no fim de Setembro, foi retirada a primeira imagem interior²⁸ e no nicho onde esta se encontrava foi colocada a segunda imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Assim, neste momento, há apenas três imagens no Castelo: a segunda exterior à gruta e as duas últimas interiores.

Como vimos, a festa de 1977 era já organizada com o apoio de uma mordomia. Esse ano representa realmente uma charneira, porque, parece-me, é nele que se faz a viragem para a dimensão colectiva da festa. Desde então, passa a ser cada vez mais de todos. Multiplicam-se as formas de angariação de fundos: fazem-se peditórios em pequenas «colónias» urbanas de gentes oriundas da serra, em aldeias circunvizinhas, ultrapassando já o concelho de Cinfães, no Brasil, a fim de que as despesas, que vão aumentando, possam ser cobertas.

Todavia, as dificuldades de acesso são enormes: pode-se ir por estrada²⁹, a norte, até Cristelo e, a sul, até Ervilhais. Há estrada de Macieira, passando por Vilar de Arca (donde sai um desvio para Cristelo) até Santiago de Piães. Há também estrada de Nespereira, passando por Ervilhais e Sogueire, até Cinfães. Por isso, o esforço mobilizador neste momento concentra-se em ordem a abrir-se um desvio de Sogueire até cerca de 500 metros do Castelo, para que a festa seja cada vez «maior».

²¹ Cf. fot. 8.

²² A festa realiza-se na vila a 8 de Setembro. A imagem tem, junto ao pé direito da Senhora, um castelo.

²³ Cf. fot. 9.

²⁴ Cf. fot. 10.

²⁵ Cf. fot. 9: a imagem mais pequena à direita.

²⁶ Não consegui apurar o nome e muito menos se se tratava de uma promessa.

²⁷ Cf. fot. 11.

²⁸ Foi-me impossível apurar se o estado de deterioração da imagem foi realmente a única causa de a retirarem. O pároco tem vindo a insistir na «desnecessidade» de tal proliferação imagética, facto que deve ter importância.

²⁹ Não faço aqui diferença de estrada ou estradão.

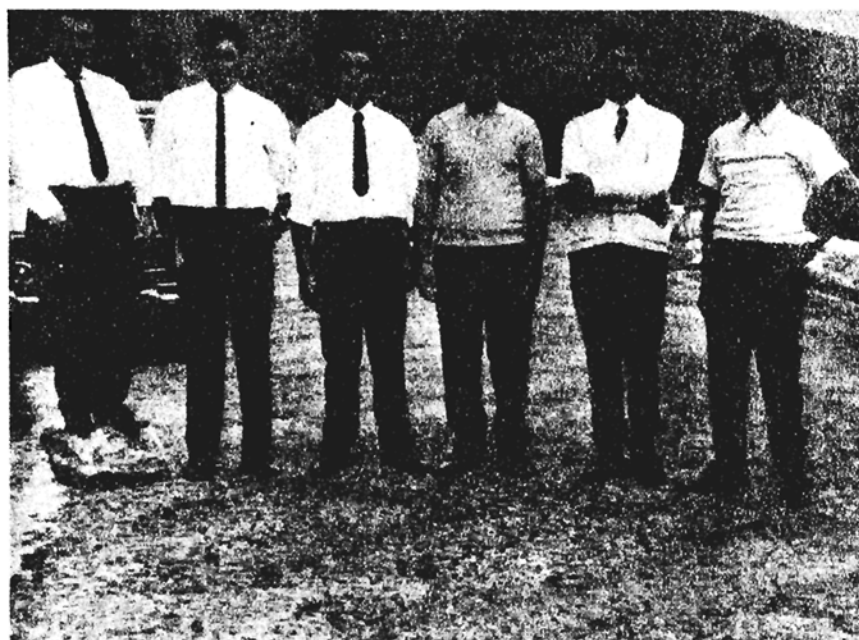
Embora a distância que é preciso caminhar a pé, quer por Cristelo, quer por Ervilhais, seja apenas de 4 quilómetros, a verdade é que o acidentado do terreno, o piso pedregoso, os carreiros e caminhos que se ramificam para as tapadas e lameiros, etc., dificultam o acesso a quem, sem guia, lá vai pela primeira vez ou mesmo pela segunda ou terceira, apesar de se ver quase sempre o Castelo lá em cima. Aliás, este ano, pela primeira vez, foram pintadas setas³⁰ em certos locais indicando o caminho certo, mas só à saída de Cristelo, e também, por este lado, junto ao Castelo, foi improvisada uma pequena escadaria em terra batida.

4. CONCLUSÕES

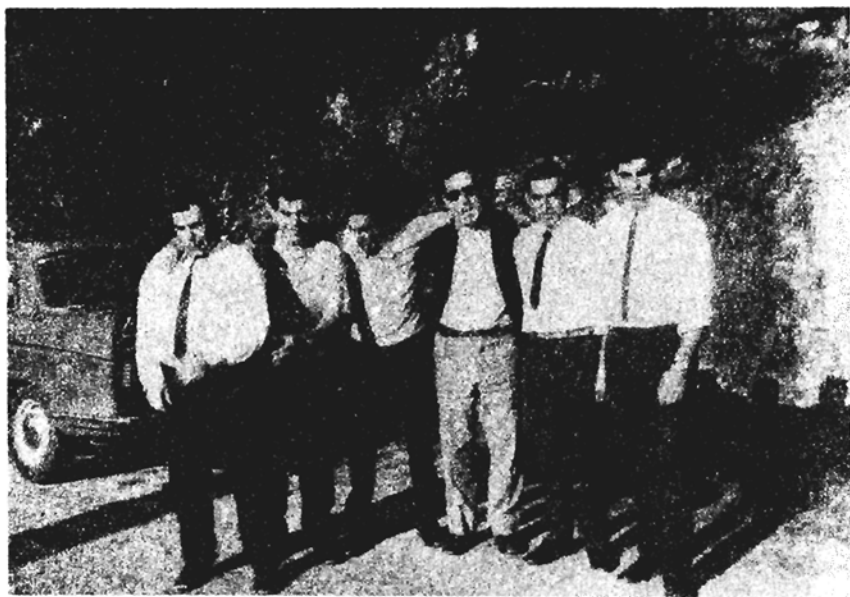
- 1.^a Em face da descrição até ao pormenor do processo genético desta festa, vê-se que a dicotomia habitualmente feita festa popular/festa religiosa não faz sentido: não há profano por um lado e religioso por outro; há, sim, um fenómeno de totalidade, que é a festa em si própria;
- 2.^a Vê-se que a apropriação pelo poder da Igreja é a um tempo desejada, mas, ao instaurar-se, provoca conflitos difíceis ou impossíveis de resolver;
- 3.^a Vê-se que a festa é corte no quotidiano, no trabalho, mas não compensadora em termos de recuperação física: a compensação vem ao nível do prazer que nela se busca, ainda que a energia física possa ficar até diminuída. A lei que a rege é a do benefício imediato do prazer de quem nela participa.
- 4.^a A festa é polarizadora de sentimentos, atitudes e valores vivenciados colectivamente.



Fot. 1 — *Tor* (1980)



Fot. 2 — Os seis irmãos ainda vivos. Da esquerda para a direita: António Teixeira, Manuel Teixeira, José Teixeira, Agostinho Teixeira, Jerónimo Teixeira e Alfredo Vieira Teixeira (não datada)



Fot. 3 — Da esquerda para a direita: António Teixeira, Agostinho Teixeira, Alfredo Vieira Teixeira, José Vieira, José Teixeira e Manuel Teixeira (não datada)



Fot. 4 — A segunda imagem exterior à gruta (1981)



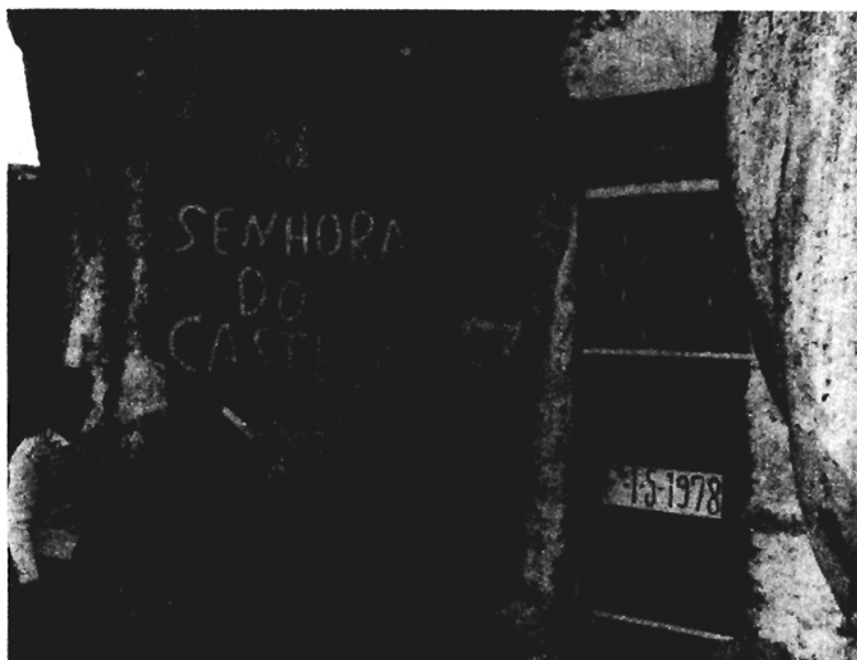
Fot. 5 — A primeira imagem interior, na gruta (1976)



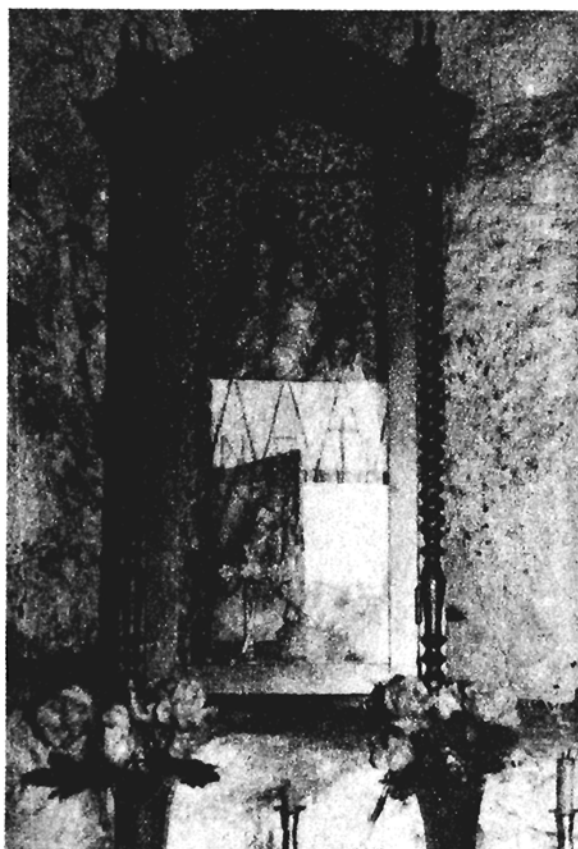
Fot. 6 — Cruz no alto do Castelo (1976)



Fot. 7 — Mesa do altar, debaixo da primeira imagem interior da gruta (1977)



Fot. 8 — Portão da gruta (1981)



Fot. 9 — A segunda imagem interior, na gruta, de Nossa Senhora do Castelo: imagem maior, à esquerda (1981)



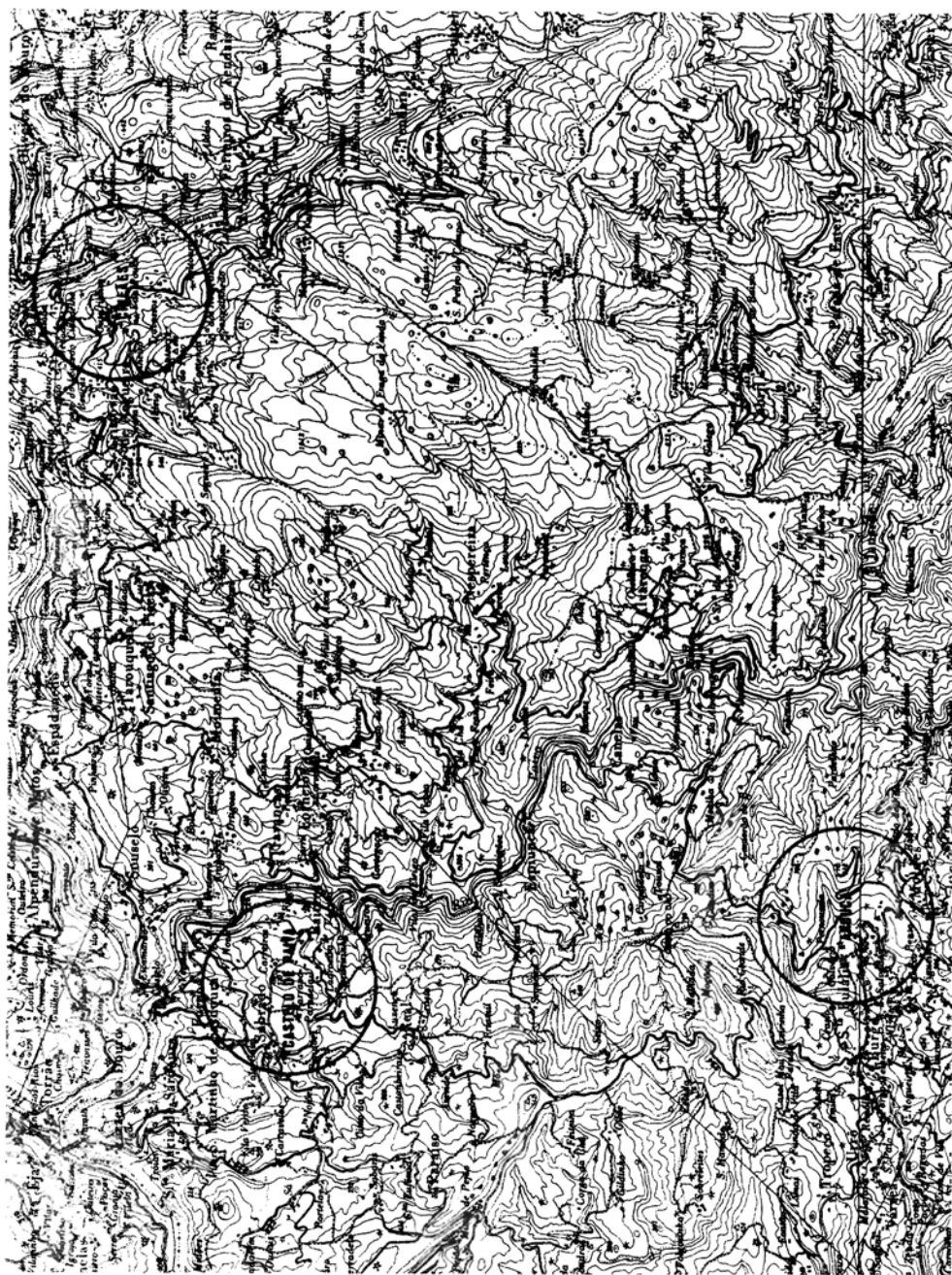
Fot. 10 — Nossa Senhora do Castelo: procissão (1978)



Fot. 11 — Terceira imagem interior: procissão (1979)



Fot. 12 — Setas indicando o caminho para o Castelo (1981)



ANEXO 2

Nome	Origem-nascimento				Situação familiar		Habilitações literárias	Residência		Profissão/ocupação		Observações
	Data	Local			Estado civil	Número de filhos		Actual	Anteriores	Actual	Anteriores	
		Aldeia	Freguesia	Concelho								
António Teixeira	23-10-20	Sanfins	Santiago de Piães	Cinfães	Casado	0	Iletrado	Ermesinde (R. Alto da Costa-Bairro do Moreira)	Sanfins Padrão da Légua Rio Tinto	 Operário	Serrador de madeira Assalariado agrícola Servente na construção civil "	O único que não sabe assinar. Na <i>Acta</i> , quem assinou por ele deve ter sido o primo José Vieira, embora Agostinho Teixeira diga que assinou por ele, o que é impossível face à letra.
Manuel Teixeira	2-2-26	Sanfins	Santiago de Piães	Cinfães	Casado	4	Iletrado	Ermesinde (Rua do Pinheiro)	Sanfins Vilar d'Arca Nespeireira	 Operário	Assalariado agrícola Caseiro Servente na construção civil	Embora iletrado, sabe assinar
Agostinho Teixeira	20-3-31	Sanfins	Santiago de Piães	Cinfães	Casado	4	3.ª classe (em adulto)	Ermesinde (R. Nova da Formi-	Sanfins Santiago de Piães Nespeireira Sanfins Porto (Ameal) Porto (Padrão da Légua) Rio Tinto	 Operário	Assalariado agrícola Assalariado agrícola Assalariado agrícola Assalariado agrícola Assalariado agrícola Servente na construção civil "	

ANEXO 3

Fontes

A. DOCUMENTOS VERBAIS

1. *Imprensa periódica*

a) *Hebdomadária: Miradouro*

- Ano 14, 2.^a série, n.º 80, de 17 de Setembro de 1976.
- Ano 14, 2.^a série, n.º 81, de 24 de Setembro de 1976.
- Ano 14, 2.^a série, n.º 92, de 17 de Dezembro de 1976.
- Ano 14, 2.^a série, n.º 120, de 1 de Julho de 1977.
- Ano 15, 2.^a série, n.º 151, de 17 de Fevereiro de 1978.
- Ano 16, 2.^a série, n.º 193, de 15 de Dezembro de 1978.
- Ano 19, 2.^a série, n.º 332, de 25 de Setembro de 1981.

b) *Diária: O Século* de 28 de Junho de 1976.

2. *Manuscritos*

Acta da: Nossa Senhora do Castelo, de 7 de Agosto de 1977.
Sequência de listas feita por Agostinho Teixeira.

3. *Registo audiomagnético de:*

- a) Entrevistas com António Teixeira, Manuel Teixeira, Agostinho Teixeira, Jerónimo Teixeira, Alfredo Vieira Teixeira e José Vieira.
- b) Vários sermões desde 1977.
- c) Alocução de Jerónimo Pereira de Sousa.

B. DOCUMENTOS NÃO VERBAIS

1. *Fotografia*

- a) De José Vieira.
- b) Própria; esta encontra-se referida em itálico.

2. *Cartografia*

- a) Carta de Portugal, Instituto Geográfico e Cadastral, escala de 1/100 000, fls. 13 e 14.
- b) Carta Militar de Portugal, Serviços Cartográficos do Exército, escala de 1/25 000, fl. 135.